

EDUCAÇÃO HOSPITALAR: INTER-RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

EDUCACIÓN HOSPITALARIA: INTER-RELACIÓN ENTRE EDUCACIÓN FORMAL Y NO FORMAL

Jaqueline Mendes Costa ¹
Carmem Lucia Artioli Rolim ²

Resumo: O objetivo deste estudo consiste em discutir a educação hospitalar e sua inter-relação com a educação formal e não formal. Visando alcançá-lo, realizamos uma pesquisa teórica de abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico. No desenvolvimento do tema, adentramos as conceituações sobre a educação formal e não formal, abordamos a educação hospitalar e os elementos que a envolvem, buscando desvelar indícios da interface entre as duas formas de educação no atendimento educacional ofertado à criança em tratamento de saúde. Os resultados revelam que a educação hospitalar busca o avanço escolar da criança internada, promovendo conhecimentos do conteúdo curricular, mas evidencia ainda que os aprendizados oportunos precisam considerar os saberes sobre o ambiente, a doença e o tratamento, por meio de construções educacionais desenvolvidas de forma flexibilizada, contextualizada e adaptada às singularidades das crianças e do espaço hospitalar. Apontamentos que sinalizam o encontro entre a educação formal e não formal no atendimento educacional à criança hospitalizada.

Palavras-chave: Educação Hospitalar. Educação Formal e Não Formal. Atendimento Educacional Hospitalar.

Resumen: El objetivo de este estudio es analizar la educación hospitalaria y su interrelación con la educación formal y no formal. Para lograr esto, llevamos a cabo una investigación teórica con un enfoque cualitativo y un carácter bibliográfico. Al desarrollar el tema, ingresamos a los conceptos de educación formal y no formal, abordamos la educación hospitalaria y los elementos que la involucran, buscando revelar evidencia de la interfaz entre las dos formas de educación en la asistencia educativa ofrecida a los niños que reciben tratamiento de salud. Los resultados revelan que la educación hospitalaria busca el progreso escolar del niño hospitalizado, promoviendo el conocimiento del contenido curricular, pero también muestra que el aprendizaje oportuno necesita considerar el conocimiento sobre el medio ambiente, la enfermedad y el tratamiento, construcciones educativas desarrolladas de manera flexible y contextualizada, y adaptado a las singularidades de los niños y el espacio hospitalario. Notas que señalan la reunión de educación formal y no formal en la atención educativa para niños hospitalizados.

Palabras clave: Educación Hospitalaria. Educación Formal y no Formal. Atención Educativa Hospitalaria.

-
- ¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1046761555186760>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1439-232X>. E-mail: jmc20081987@gmail.com
 - ² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1827912250538157>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4045-7964>. E-mail: carmem.rolim@uft.edu.br
 - ³ Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (UMinho). Professora da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4361465974910858>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4170-6547>. E-mail: claudiaguvararu@gmail.com
 - ⁴ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8833639182507760>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3487-6591>. E-mail: meyrester@yahoo.com.br

Considerações iniciais

A educação constitui-se um processo complexo que extrapola o ambiente da escola regular e se inscreve em outros espaços como, por exemplo, no cenário hospitalar. Nesse contexto, o atendimento educacional desenvolvido é movimento que busca promover a inclusão escolar de crianças internadas, garantindo o direito cidadão de acesso ao conhecimento sistematizado.

No Brasil, a educação hospitalar é um campo relativamente novo, sua origem data de 1950, ano de criação da primeira classe hospitalar no estado do Rio de Janeiro (FONSECA, 1999). Já nos documentos oficiais, a educação hospitalar passa a ser abordada a partir da década de 90 do século passado e surge vinculada à educação especial, tendo em vista que as crianças hospitalizadas são consideradas nesse período com necessidades educacionais especiais.

Esse contexto localiza legalmente a educação hospitalar como modalidade da educação formal, mas suscita também questionamentos acerca de suas inter-relações com a educação não formal. Considerando que o atendimento educacional em ambiente hospitalar acontece num contexto muito distinto da escola convencional, sendo permeado por singularidades que envolvem o espaço médico e as crianças internadas, a experiência educativa oportunizada precisa instaurar um novo campo de possibilidades.

Seguindo nessa direção, Paula (2007, p. 2424) compreende a educação hospitalar como “uma espécie de ‘entre lugar’ na educação, pois faz parte do sistema oficial de ensino e também é espaço de educação não formal, pois necessita de currículos flexíveis, abertos e adequados às necessidades dos alunos”. Em consonância com esse pensamento, Fontes (2005, p. 122) considera o atendimento educacional hospitalar como uma proposta pedagógica diferenciada, pois além de acontecer no âmbito hospitalar não se limita aos conhecimentos escolares, pois se preocupa também com o novo contexto e com aprendizagens que podem contribuir para o bem-estar da criança doente.

Um cenário que incita inquietações e instiga a pensar: como se estabelece a relação entre a educação formal e não formal no contexto da educação hospitalar? Buscando resposta para essa questão, assumimos como objetivo do estudo discutir a educação hospitalar e sua inter-relação com a educação formal e não formal. Nesse propósito, caminhamos à maneira de Ginzburg (1989, p. 177), consideramos as minúcias entendendo que a realidade é complexa, mas que “existem zonas privilegiadas, sinais, indícios que permitem decifrá-la”.

Assim, seguindo pistas buscamos desvendar a inter-relação da educação formal e não formal na educação hospitalar. Trata-se de uma pesquisa teórica de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (1991, p. 50), tem o “objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa” e se caracteriza pela busca principalmente em “livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico e internet”.

Compartilhando desse entendimento, Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 60) asseveram que a pesquisa bibliográfica possibilita “conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema”. Dessa forma, realizamos a leitura criteriosa do material produzido sobre a temática da educação hospitalar, educação formal e educação não formal, o que proporcionou embasamento teórico ao estudo o qual a análise atenta e minuciosa dos dados e as reflexões tecidas delinearão a construção desse texto.

Intentando uma melhor organização e compreensão dos resultados da pesquisa, o trabalho está estruturado em três momentos inter-relacionados. No primeiro, descrevemos a educação formal e não formal: apreendendo conceitos; no segundo abordamos a educação hospitalar: discutindo ideias; e na sequência apresentamos o atendimento educacional hospitalar: encontro entre a educação formal e não formal.

Educação formal e não formal: apreendendo conceitos

A educação é um processo amplo que permeia a vida do homem desde o nascimento e se estende ao longo da sua existência. Libâneo (1998, p. 22) a define como “o conjunto das ações,

processos, influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais”. Diante disso, compreendemos que a educação é processo construído por diferentes práticas e que se desenvolvem em vários lugares e sob diferentes modalidades, resultando em uma diversidade de experiências educativas que vão além das atividades escolares e de ensino (LIBÂNEO, 2011, p. 7).

Nesse viés, a educação abrange tanto o acesso ao conhecimento sistemático produzido pela humanidade como também é processo de inclusão e exercício da cidadania, envolvendo campos diferenciados da educação formal e não formal.

Para uma melhor compreensão das distintas formas de educação, é necessário adentrar a diferenciação dos conceitos. Nessa direção, Gohn (2006, p. 28) designa a educação não formal como um processo de diferentes perspectivas que englobam

A aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.

Ainda, segundo a autora, as práticas da educação não formal são geralmente desenvolvidas “extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, lutas contra desigualdades e exclusões sociais”, sendo realizadas em diferentes espaços, entre eles organizações não governamentais e programas sociais de inclusão principalmente “no campo das Artes, Educação e Cultura” (GOHN, 2009, p. 31).

Percebemos que a educação não formal não está circunscrita aos espaços escolares nem aos conteúdos curriculares, mas é um movimento que se aprende compartilhando experiências em espaços diversos, com aprendizagens sobre questões políticas e sociais, direitos e deveres enquanto cidadão e conhecimentos sobre o mundo e a vida em sociedade.

Nessa linha, a educação não formal, conforme Gohn (2006, p. 29-30), tem como finalidade “abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. [...] A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal”. De maneira complementar, a autora reconhece a educação não formal como “um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos” (GONH, 2009, p. 32), e enfatiza que de forma alguma se pode considerá-la como uma proposta contrária ou alternativa à educação formal. Assim, entendemos que a educação formal e não formal se trata de concepções distintas, mas que podem se inter-relacionar buscando o desenvolvimento intelectual, social e cidadão do sujeito.

Em consonância, Afonso (1989, p. 81), nos estudos sobre a educação formal e não formal, indica as características e diferenças destas modalidades. Segundo o autor, enquanto a educação formal é organizada com uma determinada sequência e promovida pelas escolas; a educação não formal é divergente no que se refere à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo.

Nessa acepção, compreendemos por educação formal aquela que ocorre nas instituições escolares com conteúdos programados e em espaços delimitados, desenvolvendo-se baseada em normas e padrões determinados, cuja finalidade corresponde ao ensino e à aprendizagem sistematizados.

A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades,

disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/ classe de conhecimento (GOHN, 2006, p. 30).

Percebemos que a educação formal está comprometida com a promoção dos conhecimentos sistematizados previamente definidos para o avanço escolar do sujeito. Desse modo, quando pensamos a educação hospitalar, objeto do nosso estudo, Schilke e Arosa (2011, p. 15469) afirmam que “seus pressupostos teóricos, sua organização, intencionalidade e regulamentação ganham cunho de formalidade tanto quanto o do espaço escolar *stricto sensu*”.

Notamos que as características intrínsecas da educação implementada no contexto hospitalar evidenciam o seu caráter formal, sendo, pois, regulamentada legalmente e normatizada em documentos oficiais. Sabemos, porém, que o espaço de atendimento educacional é o hospital, e a proposta nele desenvolvida necessita de adaptações visando o progresso escolar, mas sem desconsiderar o desenvolvimento social e pessoal das crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

Essas considerações nos permitem discutir a existência da inter-relação entre a educação formal e não formal na educação hospitalar.

Educação hospitalar: discutindo ideias

A educação hospitalar no contexto brasileiro iniciou-se na década de 50 do século passado no Hospital Municipal Jesus, no estado do Rio de Janeiro. Mas foi a partir da década de 90 do mesmo século que o movimento ganhou impulso, reflexo dos anseios e das lutas da sociedade pela busca democrática de direitos em diferentes âmbitos, dentre eles a garantia de saúde e educação de qualidade para as crianças e adolescentes. Temos como grande marco nesse sentido a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) tencionando a consolidação dos direitos para esse público.

Foram os movimentos internacionais e nacionais em prol dos direitos sociais de todos os cidadãos que resultaram na criação de legislações e documentos regulamentadores direcionados também para a educação de pessoas antes excluídas do processo de ensino, dentre elas as crianças com deficiência e crianças em condição de internação hospitalar.

Nessa direção, foi promulgada no Brasil no ano de 1994 a Política Nacional de Educação Especial, pelo Ministério da Educação e Desporto, que inseriu pela primeira vez a educação hospitalar e a definiu como uma modalidade de atendimento educacional às crianças e jovens em tratamento hospitalar e que necessitem de educação especial (BRASIL, 1994, p. 20). No ano seguinte, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizados (BRASIL, 1995), uma iniciativa em defesa especificamente dos direitos das crianças e adolescentes em processo de internação hospitalar.

Percebemos que a educação hospitalar nasce vinculada à educação especial, sendo, portanto, uma modalidade educacional ligada ao sistema oficial de ensino. Seu objetivo principal, segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), consiste em:

[...] dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular (BRASIL, 2001).

Compartilhando desse entendimento, Matos (1998, p. 86) afirma que a educação hospitalar tem como propósito central “manter e potencializar os hábitos próprios da educação intelectual e da aprendizagem que necessitam os enfermos em idade escolar mediante as atividades desenvolvidas por professores pedagogos em função docente”. Essa compreensão é abordada também no

documento Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações (BRASIL, 2002), que explicita:

O atendimento pedagógico deverá ser orientado pelo processo de desenvolvimento e construção do conhecimento correspondentes à educação básica, exercido numa ação integrada com os serviços de saúde. A oferta curricular ou didático-pedagógica deverá ser flexibilizada, de forma que contribua com a promoção de saúde e ao melhor retorno e/ou continuidade dos estudos pelos educandos envolvidos (BRASIL, 2002, p. 17).

Pelos documentos oficiais, o atendimento educacional hospitalar se apresenta enquanto componente da educação formal e está comprometido com a continuidade do percurso escolar da criança em tratamento de saúde, oportunizando no contexto hospitalar o acesso às atividades pedagógicas que propiciam a aprendizagem de conteúdos sistematizados e o desenvolvimento da criança. Cabe considerar, porém, que dada as peculiaridades inerentes ao contexto e as singularidades das crianças internadas, é necessária uma proposta pedagógica flexibilizada. Nessa direção,

O professor hospitalar é incentivado a levar em conta a fragilidade de alunos especiais, seus níveis escolares e seu desejo de voltar à escola no futuro. As aulas, embora flexíveis, não acontecem sem critérios e exigem qualidade a fim de permitir revelar as capacidades destes alunos (VASCONCELOS, 2015, p. 37).

Entendemos que na educação hospitalar, os processos escolares são valorizados, mas é movimento que se desenvolve considerando a condição física da criança e o seu interesse e disposição para a realização das atividades educacionais. Cabe destacar que nas aulas da classe hospitalar além dos conteúdos, outros conhecimentos precisam ser disponibilizados para as crianças em tratamento de saúde.

Em consonância, Fontes (2005, p. 135) afirma que o trabalho pedagógico no ambiente hospitalar também propicia à criança enferma aprendizados relacionados à compreensão do hospital, da doença e da nova condição de vida; oportunizando saberes que ajudam a ressignificar a hospitalização e os acontecimentos e favorecem a melhoria do quadro clínico. Construções que, segundo Fontes e Vasconcellos (2007), estimulam a criança a uma reflexão sobre o meio, a doença e os seus sentimentos, ajudando-a a entender o que acontece com ela e no seu entorno.

Diante dessas considerações, percebemos que a educação hospitalar atua com processos cognitivos, mas envolve também conhecimentos relacionados à enfermidade, ao tratamento e ao espaço hospitalar. Um contexto que traz indícios das propostas apresentadas pela educação formal e não formal, situação que para o entendimento necessita de reflexão.

Atendimento educacional hospitalar: encontro entre a educação formal e não formal

Refletir acerca do atendimento educacional desenvolvido no espaço hospitalar, considerando os elementos que permeiam as ações implementadas no contexto, suscita importante questionamento sobre sua inter-relação com a educação formal e não formal. Observação que para a compreensão nos instiga a retomar aspectos característicos das duas modalidades educacionais, a primeira se revela pelo caráter sistematizado, disciplinar e metódico do conhecimento, em que a educação desenvolvida é organizada em tempo e local determinado (AFONSO, 1989; GONH, 2006); e a segunda traz o conhecimento, sobretudo para a formação econômica, política e social, de uma educação voltada para a aprendizagem dos direitos sociais, a compreensão do mundo e a vivência em coletivos (GONH, 2009, 2006).

Direcionando o olhar para a educação hospitalar, Matos e Mugiatti (2014) a compreendem como uma modalidade de atendimento educacional que promove um elo com a cultura e com a vida, pois ao manter a criança internada integrada às atividades escolares, atua na contramão do isolamento evitando que a criança fique restrita à condição de doente. Para as autoras, o trabalho educativo no contexto hospitalar se constitui num,

[...] espaço alternativo que vai além da escola e do hospital, haja vista que se propõe a um trabalho não somente de oferecer continuidade de instrução. Ele vai além quando realiza a integração do escolar doente, prestando ajuda não só na escolaridade e na doença, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes traumático da internação (MATOS; MUGIATTI, 2014, p. 73).

Na prática educacional no hospital há, portanto, espaço para as aprendizagens curriculares, mas também outras experiências são consideradas importantes para o desenvolvimento da criança enferma. Sendo assim, ao pensarmos a educação hospitalar, percebemos a existência de elementos constituintes da educação formal quando Schilke e Arosa (2011, p. 15473) afirmam que o atendimento educativo no espaço hospitalar é escolar, porque “seus princípios organizativos, ou seja, sua intencionalidade, suas bases filosóficas e seu rigor metodológico são mantidos”.

Identificamos também no trabalho pedagógico desenvolvido no hospital a presença de elementos característicos da educação não formal em que a prática educativa implementada às crianças em tratamento considera para além de “uma mera listagem de conteúdos, mas um corolário de conhecimentos voltados ao atendimento das necessidades desta comunidade singular, impregnados pela realidade, pelo contexto social, pela experiência vivida e pela leitura de mundo do aluno” (ORTIZ; FREITAS, 2014, p. 609).

Nesse contexto, percebemos que o atendimento educacional hospitalar busca avanços cognitivos, porém sem ignorar o mundo da criança vivido antes da internação nem a nova experiência de hospitalização que se apresenta como realidade. Em consonância, Gonzáles Simancas y Polaino Lorente (1990) afirmam que a educação hospitalar não pode desconsiderar os conteúdos específicos do currículo escolar, porém o seu propósito vai além, pensa a aprendizagem olhando para o contexto vivenciado, considerando a condição biológica, psicológica e social das crianças hospitalizadas.

Compartilhando desse entendimento, retomamos Paula (2007, p. 2427) que situa a educação hospitalar em um espaço e tempo diferenciados, “um ‘entre lugar’ da educação formal e educação não formal, pois faz parte da modalidade oficial de ensino, mas em suas práticas estão expressas características significativas da educação não formal”. A autora elucida essa compreensão explicitando:

Nas práticas educativas construídas pelos professores nos hospitais, existem características do currículo que se assemelham às escolas formais como: os conteúdos, as avaliações e relatórios dos alunos hospitalizados. Todavia, a questão do tempo, do espaço e da forma de realização das aulas, não apresenta um caráter disciplinador como o da escola formal. O tempo depende da organização da rotina interna do hospital (horários de medicamentos e disponibilidade das crianças para as atividades), os locais das atividades são determinados pela estrutura dos hospitais (alguns hospitais apresentam sala de aula separadas das enfermarias, em outros, as aulas ocorrem nos leitos). No que se refere a questão da realização das aulas, elas dependem também da predisposição física dos alunos e vão ser construídas no ritmo dos mesmos, pois estas atividades não são obrigatórias. Cabe lembrar aqui também que, em muitas práticas educativas nos hospitais, os professores têm procurado avançar nas

propostas curriculares respeitando a diversidade étnica, a cultura, os diferentes níveis de escolarização e a condição física dos alunos (PAULA, 2007, p. 2427).

No transcorrer do estudo, observamos que a atividade educacional desenvolvida no ambiente hospitalar apresenta aspectos da educação formal e da não formal, tendo em vista que o ensino oportunizado é o escolar, mas dadas as especificidades dos alunos internados e as singularidades do contexto, são imprescindíveis adequações curriculares, metodológicas e práticas. Promovendo um trabalho educativo que busca o desenvolvimento das crianças em tratamento de saúde, contemplando as peculiaridades vivenciadas e olhando também para os aspectos sociais e psicológicos que as envolvem.

Diante desses apontamentos, consideramos que a atuação pedagógica no espaço hospitalar requer

[...] criar estratégias que favoreçam o processo ensino-aprendizagem, contextualizando-o com o desenvolvimento e experiências daqueles que o vivenciam. Mas, para a atuação adequada, o professor precisa estar capacitado para lidar com as referências subjetivas das crianças, e deve ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar (FONSECA, 2003, p. 26).

Para o contexto hospitalar é necessária uma nova proposta educativa, que abranja os conteúdos, mas que seja também permeada pela flexibilidade, partindo dos conhecimentos da criança e respeitando os tempos e maneiras de aprendizagem de cada uma. A educação hospitalar é, portanto, um lugar em que há espaço para o saber curricular, mas que devido às características inerentes ao contexto e às crianças doentes, necessita também de aprendizagens sobre o ambiente, a enfermidade e o tratamento por meio de um ensino contextualizado e passível de mudança frente à condição biopsicossocial apresentada pela criança hospitalizada.

Considerações que nos permitem perceber indícios de encontro entre educação formal e não formal no atendimento educacional implementado no hospital, vislumbrando um cenário que possibilita à criança enferma

[...] resgatar sua subjetividade, ressignificando o espaço hospitalar através da linguagem, do afeto e das interações sociais que o professor pode propiciar. Portanto, é possível pensar o hospital como um espaço de educação para as crianças internadas. Mais do que isso, é possível pensá-lo como um lugar de encontros e transformações, tornando-o um ambiente propício ao desenvolvimento integral da criança (FONTES, 2005, p. 136).

Na mesma linha de pensamento, Fortuna (2000) complementa que a educação ofertada no hospital é processo que ultrapassa os limites físicos e territoriais impostos por hierarquizações reveladas ou veladas, proporcionado um equilíbrio móvel entre as funções pedagógicas e as funções psicológicas. Nessa direção, o trabalho educacional desenvolvido considera os processos escolares, mas envolve também outros aspectos que permeiam a criança em tratamento, enxergando o sujeito com seus medos, emoções e fragilidades, abrindo espaço para a integração social, o diálogo, a escuta e a afetividade, uma atuação que contempla o desenvolvimento integral da criança enferma e contribui para ressignificar a hospitalização.

Compreendemos assim que a criança em tratamento “necessita vivenciar as rotinas hospitalares mantendo as necessidades típicas da infância, ou seja, o direito de ser criança, brincar, aprender, frequentar a escola, pertencer a um grupo social, exercer o direito de ser aluno entre alunos” (ROLIM, 2018, p. 14). Seguindo essa linha de pensamento, Schilke e Arosa (2011) afirmam que

O jogo, o brincar, as relações interpessoais presentes no espaço pedagógico hospitalar são momentos que devem ser utilizados intencionalmente, sempre que possível, conciliando os objetivos pedagógicos com o desejo dos (as) alunos (as), buscando na informalidade e na não formalidade novas formas de aquisição de conhecimentos (SCHILKE E AROSA, 2011, p. 15473).

Dessa forma, nas atividades pedagógicas desenvolvidas no hospital há espaço para o conteúdo, mas também para o lúdico, o brincar, o interagir e o dialogar. Tendo em vista que oportunizar à criança hospitalizada apenas jogos e brincadeiras é negá-las o direito de acesso ao conhecimento sistematizado, bem como trabalhar o conteúdo escolar desconsiderando o contexto e as peculiaridades da criança enferma é negligenciar as necessidades intrínsecas à infância com especificidades de saúde. Nessa perspectiva, o lúdico e o escolar, o brincar e o estudar, o formal e o não formal não são processos contraditórios e excludentes, mas movimentos que podem ser trabalhados de maneira complementar no contexto hospitalar visando o desenvolvimento integral da criança.

Considerações Finais

Direcionados pelo objetivo do estudo que consiste em discutir a educação hospitalar e sua inter-relação com a educação formal e não formal, buscamos na bibliografia publicada sobre o tema indícios da interface entre as duas formas de educação no atendimento educacional desenvolvido à criança em tratamento de saúde.

Retomando as normativas legais, observamos que a educação hospitalar constitui uma modalidade educacional pertencente ao sistema oficial de ensino, em que o trabalho educativo implementado busca desenvolver para as crianças internadas o currículo escolar correspondente à educação básica. No entanto, após as leituras e reflexões dos textos, percebemos que em decorrência das peculiaridades do ambiente clínico e das especificidades apresentadas pelas crianças em tratamento é necessário um atendimento pedagógico diferenciado.

É nessa direção que Paula (2007) compreende a educação hospitalar como um “entre lugar” na educação formal e não formal, pois ao mesmo tempo em que faz parte do sistema oficial de ensino, é também espaço de educação não formal. Tendo em vista que a proposta educacional disponibilizada visa o conhecimento sistematizado, porém se desenvolve de forma flexibilizada e adequada às singularidades das crianças enfermas, das restrições do ambiente hospitalar e da busca pela aprendizagem para a manutenção da vida. Estamos diante de pistas que sinalizam o encontro da educação formal e não formal.

Nessa perspectiva, entendemos que na prática educativa no hospital, o ensino dos conteúdos é importante e imprescindível para possibilitar o avanço escolar, mas este não pode ser desvinculado das considerações em torno das especificidades vivenciadas pela criança. Sendo assim, é necessário olhar para a condição física, com atenção à disposição, à nova rotina de medicações e exames e às dores e angústias que acompanham a doença e o tratamento.

Percebemos que para o processo educacional no espaço hospitalar o trabalho desenvolvido assume elementos característicos da educação formal como também da não formal, buscando o progresso escolar da criança sem perder de vista a necessidade de contemplá-la em sua integralidade. Uma atuação que abre espaço também para o diálogo, a escuta, a afetividade e a socialização.

Dessa maneira, cabe destacar que o estudo não teve o propósito de inserir a educação hospitalar em determinada modalidade de ensino, mas discutir os elementos que permeiam o atendimento educacional ofertado no contexto hospitalar e suas inter-relações com a educação formal e não formal. Tendo em vista concordarmos com Fontes (2005) ao compreender que o atendimento pedagógico hospitalar possibilita um acontecer múltiplo e diversificado que não pode ficar preso a classificações ou enquadramentos.

Diante das reflexões tecidas, suscitamos a necessidade de novas pesquisas que busquem problematizar a educação hospitalar e os inúmeros aspectos que envolvem o trabalho educativo disponibilizado ao aluno hospitalizado, podendo desvelar as práticas que caminham considerando o atendimento integral das crianças em tratamento hospitalar.

Referências

AFONSO, A. J. Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: A. J. Esteves, **A sociologia na escola** – Professores, educação e desenvolvimento. Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Afrontamento, 1989.

BRASIL. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Resolução nº 41 de Outubro de 1995 (DOU 17/10/95).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar – estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FONSECA, E. S. da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

FONSECA, E. S. da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 29, maio./ago. 2005.

FONTES, R. S; VASCONCELLOS, V. M. R. O papel da educação no hospital: uma reflexão com base nos estudos de Wallon e Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 27, n. 73, p. 279-303, set/dez.2007.

FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. (org), **Planejamento em Destaque: análises menos convencionais** 1ª ed., Porto Alegre, Mediação, (caderno de Educação Básica, 6), p. 147-164,2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo. Atlas, 1991.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONZÁLES-SIMANCAS, J. L.; POLAINO-LORENTE, A. **Pedagogia hospitalar: actividad educativa en ambientes clínicos**. Madri: Narcea, 1990.

LIBÂNEO, J. C. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogias e pedagogos: caminhos e perspectivas**. 3ª ed., p. 63–100, São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, Para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MATOS, E. L. M. **O desafio ao professor universitário na formação do pedagogo para atuação na educação hospitalar**. 1998. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1998.

MATOS, Elizete; MUGIATTI, Margarida. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ORTIZ, L. C. M.; FREITAS, S. N.O Currículo da Classe Hospitalar Pioneira no Rio Grande do Sul. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 595-616, abr./jun. 2014.

PAULA, E. M. A. T. Escola no hospital: espaço de articulação entre educação formal e educação não formal. In: V Encontro nacional sobre atendimento escolar hospitalar - EDUCERE: "saberes docentes": **Anais eletrônicos...** Curitiba: Champagnat. 2007.

ROLIM, C. L. A. A escola no hospital: o direito de ser aluno entre alunos. **Revista Espacios**, Caracas, v. 39, n. 30, p. 12-18, 2018.

SCHILKE, A. L.; AROSA, A. C. Classe hospitalar: espaço de educação escolar e processos educativos formais, não formais e informais. In: X Congresso nacional de educação –EDUCERE. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Champagnat. 2011.

VASCONCELOS, S. M. F. Histórias de formação de professores para a Classe Hospitalar. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 51, p. 27-40, jan./abr. 2015.

Recebido em 28 de fevereiro de 2020.

Aceito em 25 de janeiro de 2022.